

Gosto pela política vem desde a infância

São João Del Rey (Do enviado especial) — Em meio à dor pelo que aconteceu ao amigo de longa data, Lauro Novaes, de 77 anos, e Pedro dos Santos, de 83 anos, se encontraram por acaso em São João Del Rey, pelas ruas onde eles conhecem “até as pedras”, e recordaram, com visível emoção os tempos em que viveram ao lado do presidente eleito Tancredo Neves. Para os dois, Tancredo nasceu para a política. Desde o momento do primeiro contato, a argúcia e a inteligência do amigo não deixavam dúvidas: aquele era um homem que nasceu para servir a sua pátria. Até nas rodas de conversa, tão comuns no interior de Minas, lembraram, ele demonstrava uma queda para lidar com os problemas públicos, questionando, sempre no jeito tranquilo que marcou a sua vida política, os atos administrativos da prefeitura de sua cidade natal. A sua preocupação social sempre foi latente.

Novaes, que foi colega de Tancredo no Grupo Escolar João dos Santos, recordou com tristeza os tempos de infância. Tancredo, segundo ele, era um menino pacato que tinha especial predileção por uma “pelada de rua”. Como procuravam fazer tudo “de uma forma mais original”, nas tardes tranquilas de São João, era comum encontrar os dois e mais uma turma pulando as grades que cercam a basílica Nossa Senhora do Pilar para um “joguinho no átrio”. Passávamos a tarde jogando bola para desgosto dos padres. Eles ficavam fu-

riosos com a nossa turma. Mas não tinha jeito: na primeira cochilada, lá estávamos nós de novo” — confessou Novaes.

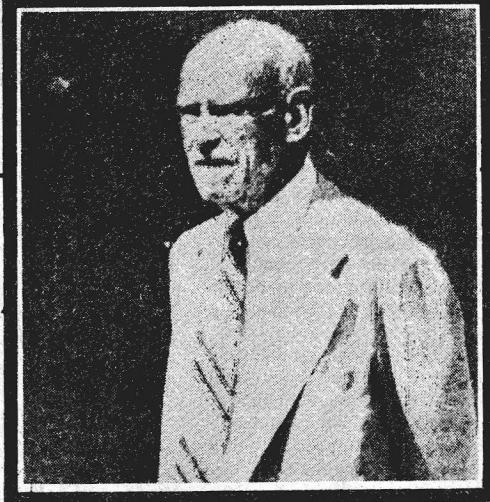
Ele conheceu Tancredo quando tinham menos de 10 anos. Daí em diante, se materializou uma amizade profunda que levou os dois, em São João, para os mesmos caminhos. Autodidata, conforme faz questão de enfatizar, Novaes lembra da época em que a igreja precisou arrecadar fundos para uma campanha benéfica. Tancredo deu a idéia e eles montaram, na base do amadorismo, a peça “Levada da Breca”, de autoria de Abadia Faria Rosa. “Eu dirigi na peça. Foi maravilhoso porque descobrimos que estávamos prestando um serviço à comunidade. Tancredo fez o papel de galã e, pela primeira vez, vi em seus olhos um brilho diferente: era o desejo de ser político que, pela primeira vez, se manifestava”.

A época, lá por 1917, depois das peladas infantis no átrio da basílica, Tancredo se dedicou com afinco ao futebol e chegou a ser titular no time Sparta, formado pelos alunos do Ginásio Santo Antônio. Já tinha chegado a juventude e os dois começaram a frequentar operetas e peças de teatro. Depois, juntos, trabalharam na indústria de tecidos, fiação e tecelagem Matosinho S/A. Ele era o diretor-secretário e eu o secretário — disse Novaes.

Tancredo se formou em advocacia na Universidade Federal de Minas Gerais, voltou, e começou a se dedicar às atividades políticas. Novaes, que



Pedro Santos



Lauro Novaes

jamais ambicionou qualquer candidatura, passou então a percorrer o interior, ao lado do amigo comum Luis Avillar, para detectar quais eram os políticos que dominavam cada local, qual era a tendência popular etc... Tudo foi montado com calma porque Tancredo, como era do seu feitio, jamais entraria numa aventura. “Antes disso, me lembro que nós fomos coroinhas. Foi nesta época que ele travou contato direto com a Igreja Católica e absorveu todos os seus ensinamentos, daí ser o religioso que o Brasil conheceu”.

Ao lembrar das passagens que teve ao lado do grande amigo de sua vida, Novaes, que sempre guarda um sorriso nos lábios para as pessoas, não esconde sua emoção. “Foi uma época bonita. Muito bonita” — balbucia, enquanto pensa no passado. Nos dias em que sonharam um dia ver o nome de Tancredo estampado nos jornais como um “grande homem público”. Não há dúvida: desde pequeno foi sempre uma pessoa aquietada, pensativa, com uma diplomacia ina-

ta. Parece que as palavras surgiam com naturalidade da sua boca. Sempre com uma coerência de espantar”.

Pedro dos Santos, odontólogo, conheceu Tancredo na esquina da rua da Direita, hoje Getúlio Vargas, depois de ter sido Duque de Caxias. Na mesma esquina em que Tancredo nasceu. Ele concorda com Novaes: “Ele sempre teve uma propensão, uma queda, um tino aguçado para a política. Eramos um bom grupo: eu, Novaes, Tancredo, Vilal e Belisário Leite, que morreu como alto funcionário do Ministério da Justiça”.

Na época do grupo, lembra, nostálgico, Pedro dos Santos, impecavelmente vestido com um paletó listrado às nove horas da manhã, horário em que invariavelmente saía de casa para conversar com “as pedras” de São João, a cidade era palco de apresentações de peças e operetas. “Nós nos interessamos por música e, por várias vezes, fomos à escola de música. Não sei o que aconteceu, mas por pouco eu e Tancredo não fizemos parte da orquestra”.

Depois, Santos foi para São Paulo estudar, de onde voltou sete anos depois, formado em odontologia. Tancredo já tinha se casado com dona Risoleta Tolentino, uma “moça que estudava, isso lembro muito bem, no Colégio Nossa Senhora das Dores”.

Houve o reencontro, e o grupo, a partir das lições de Avillar — um que tinha se revelado um grande cabo eleitoral de Augusto Chagas Viegas —, partiu para a política. Tancredo ficou conhecido na cidade pela carreira brilhante de advogado, tornou-se promotor e depois vereador. “Fizemos, em São João, todas as campanhas dele. Sempre com a seriedade de intenções que marcou toda a sua vida” — enfatiza Santos.

Os dois, Novaes e Santos, mais velhos que Tancredo, jamais poderiam imaginar que depois de tantos sonhos, de tanta luta, tudo fosse se tornar uma “enorme frustração”. “Eu sei, tenho certeza, que o seu último pensamento no leito do hospital foi dirigido à sua família, aos amigos e ao Brasil”.